

Política tecnológica e produção de ciência

Sandra N. Brisolla

A Unicamp recebeu no dia 22 de março a visita de Jorge Balan, um expert argentino que está realizando pesquisas conjuntas com o Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (Nupes) da USP. Balan veio também discutir com o Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) a proposta de integração deste último nessas pesquisas, que versam sobre a nova personalidade que vem assumindo a instituição universitária.

Assiste-se na atualidade a um esforço mundial de intervenção no meio acadêmico com um sentido muito pragmático, pois se entende que a universidade tem uma função social da qual não pode escapar.

A criação de mecanismos, escritórios, empresas e legislação voltados para a intensificação da interação universidade x empresa constitui um processo iniciado nos países capitalistas centrais, tendo como objetivo colocar a atividade de pesquisa científica em função do desenvolvimento sócio-econômico. Em outras palavras, instrumentalizar a atividade científica para responder à crise que vivem esses países após o prolongado crescimento do pós-guerra.

Pensava-se, inicialmente, que o investimento nas variáveis de insumo de ciência e tecnologia iria, como na matriz de insumo x produto, automaticamente, produzir como resultado o conjunto de inovações necessárias para a superação da crise. A amarga conclusão foi de que o investimento pesado

em pesquisa básica, pesquisa aplicada e desenvolvimento tecnológico no país que mais dinheiro colocou no setor, em termos relativos e absolutos, não foi suficiente para reverter o quadro de atraso relativo vivido pelos Estados Unidos no campo tecnológico, em vários setores, quando comparado com o Japão.

A preocupação com a racionalização dos recursos, cada vez mais escassos, devido à prolongada recessão econômica, coloca a questão seguinte: em que medida o avanço da ciência está sendo capaz de provocar transformações na estrutura econômica e social dos países industrializados, em que pesem os vultuosos recursos aplicados em C&T.

O que foi questionado nos anos 80 é se o custo cada vez maior da pesquisa científica, resultado da sofisticação dos instrumentos e do caráter interdisciplinar do objeto de pesquisa, que está exigindo equipes cada vez maiores, estava trazendo algum benefício às populações dos países que mantinham esse esforço. A esses custos crescentes, nem sempre correspondem os resultados tecnológicos ou sociais esperados. A questão passou a ser como dirigir o investimento em produção de conhecimento científico para atividades úteis à sociedade.

Como o avanço da ciência não se traduziu em avanço tecnológico expressivo, surgiu a proposta de transformação radical da estrutura das instituições onde se pratica a atividade científica básica, principalmente das universidades. A relação entre universidade e sociedade e, mais especifica-



Sandra N. Brisolla é professora e pesquisadora do Instituto de Geociências da Unicamp.

forte para buscar parceiros na aventura da pesquisa científica.

A difusão dessas ideias se fez de forma muito rápida, mas a modificação na estrutura de muitas universidades revelou ser um processo muito mais demorado.

Entre nós, a onda veio pelos mecanismos usuais em que os modelos universitários estrangeiros chegam ao país. Hoje ela perpassa praticamente todos os programas de reestruturação universitária de que se tem notícia. No afã de encontrar as vias mais rápidas de promover a transformação dos resultados da atividade científica em produtos úteis, muitas simplificações têm sido feitas, o que tem impedido o sucesso de esforços variados.

A construção de uma via sólida que uma ciência e tecnologia, passa por reconhecer o fato de que as inovações industriais têm um componente econômico, relacionado diretamente aos determinantes do investimento. Estes sobre-determinarão as condições dentro das quais poderão ter sucesso as iniciativas partidas das instituições dedicadas à construção do conhecimento.

Assim, a política industrial em geral e a política setorial em particular constituem o cenário dentro do qual os atores sociais irão se movimentar, em busca de uma interação entre o mundo da ciência e a base econômica que lhe dá possibilidade de legitimação social. Dadas essas condições, trata-se de encontrar os "nichos" tecnológicos que deverão, em nossa época, constituir a base para a construção das vantagens relativas para firmar novas vocações nos países periféricos.

mente, entre universidade e empresa, passou a fazer parte da ordem do dia das discussões da política científica.

Por parte das empresas, as razões para a busca de um estreitamento de relações com a academia vem da progressiva redução do tempo necessário para que uma nova teoria científica se transforme numa tecnologia aplicável industrialmente.

Do lado da universidade, a redução ou queda do ritmo de crescimento dos orçamentos das instituições de ensino superior, constituiu um motivo bastante